

UM OLHAR PÉTREO SOBRE BELO HORIZONTE

Patricia Barbosa de Albuquerque Sgarbi¹; Maria Lourdes Souza Fernanades²; Lorrayne Silva³

¹ UFMG; ² UFMG; ³ UFMG

RESUMO: Este trabalho aborda a caracterização e identificação de materiais pétreos utilizados em edificações públicas construídas em diferentes momentos da história de Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, instalado no antigo casarão (1883), sede da Fazenda do Leitão, do velho Arraial Curral Del Rey; Museu de Artes e Ofícios, instalado no prédio da antiga Estação Central (1922); e Museu de Arte da Pampulha, instalado no Cassino do Conjunto Arquitetônico da Pampulha (1943). Na construção do casarão que abriga o Museu Histórico Abílio Barreto, reconhece-se o emprego de rochas da região. Trata-se de uma construção rústica, elevada, com alicerce exposto e constituído de blocos gnáissicos irregulares, bastante intemperizados, oriundos do Complexo Belo Horizonte, que corresponde ao embasamento geológico regional. É uma rocha de cor cinza clara, finamente bandada, composta essencialmente por quartzo, feldspato e micas (muscovita e biotita). Na escada de acesso ao casarão, o patamar é revestido por pranchas de filito sericítico, grafitoso, apresentando manchas ovais, nas cores verde e rosa, sugestivas de seixos estirados. Intervenções posteriores levaram ao emprego de outras rochas. Na praça, que interliga o casarão ao edifício contemporâneo que abriga a biblioteca, situam-se o anfiteatro, o bebedouro e o banco, todos revestidos em granito acinzentado e de granulação média, tendo os dois primeiros acabamento apicoado e o banco, polido. No jardim, destaca-se uma estátua em mármore Carrara, rocha carbonática de granulação muito fina, que propicia esculturas de traços delicados. O edifício-sede do Museu de Artes e Ofícios está diretamente ligado à construção de Belo Horizonte e corresponde à antiga Estação Central, que era a porta de entrada para os materiais e equipamentos destinados às obras da nova cidade. É uma edificação imponente, com fachada em gnaiss, trabalhado em cantaria. A rocha é caracterizada pelo bandamento milimétrico, localmente migmatítica, com estruturas dobradas, augen e outras. Há registros de que este gnaiss foi transportado de Capela Nova Betim para Belo Horizonte, através da Estrada de Ferro Oeste de Minas. O Museu de Artes da Pampulha está alojado em uma construção com linhas modernas, marcada por uma exuberância de materiais pétreos. A fachada envidraçada é entremeada por colunas revestidas em travertino, termo de origem italiana utilizado para denominar rocha calcária porosa, considerada como uma variedade resistente da tufa. Estas colunas sustentam o segundo andar, que se projeta para além do primeiro e apresenta paredes externas revestidas por granito maciço de cor acastanhada. No salão de entrada, o chão e as laterais das rampas de acesso ao segundo piso são revestidos por mármore. A rocha do chão é conhecida como "Mármore Português". Possui cor amarelada com variações nos tons ao longo do salão, apresentando fósseis marinhos, como conchas, esqueletos e espículas de organismos pequenos. O mármore das laterais da rampa é o "Mármore-Ônix", rocha translúcida e criptocristalina, de cor predominantemente branca, mas também esverdeada, podendo localmente apresentar bandamentos. No contexto histórico da cidade, as construções foram ganhando variedade quanto à natureza, formas de emprego e acabamento de rochas ornamentais, sendo este um traço característico da arquitetura de Belo Horizonte.

PALAVRAS-CHAVE: PETROGRAFIA; ROCHAS ORNAMENTAIS; BELO HORIZONTE.